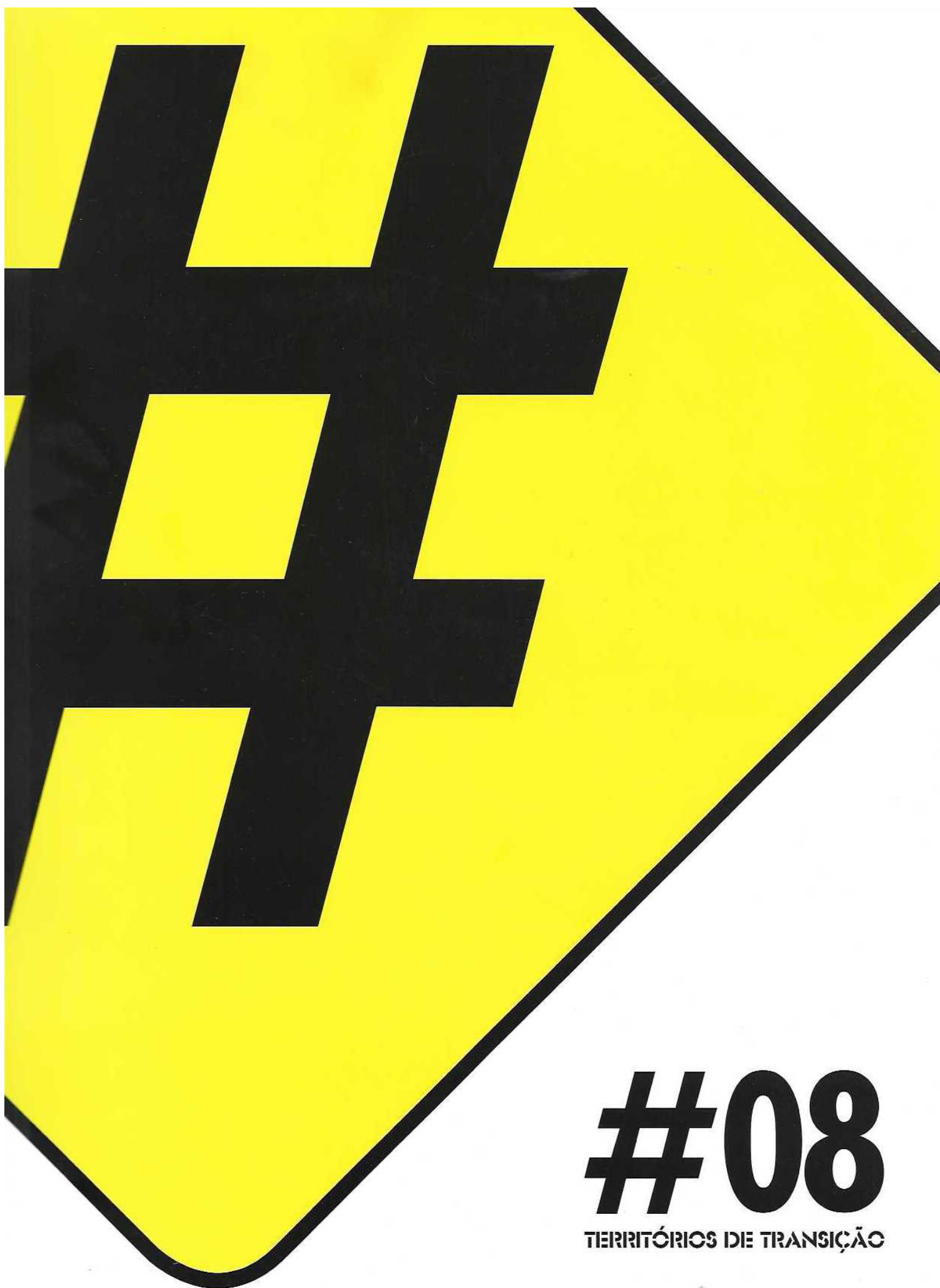




#08

TERRITÓRIOS DE TRANSIÇÃO

ANA SÉRIO

ESPAÇO(S) REFLECTIDO(S)

TERRITÓRIOS DE TRANSIÇÃO_Espaço, Lugar e Paisagem

Comissário: LUÍS SERPA

Territórios de Transição é uma iniciativa em progresso que coincidiu com a I Trienal Internacional de Arquitectura de Lisboa 2007 e que abordou o tema dos "Vazios Urbanos", esses «espaços expectantes, mais ou menos abandonados, delimitados no coração da cidade tradicional, ou indefinidos nas periferias difusas.»¹

Inclui exposições individuais e/ou colectivas sendo acompanhadas de encontros e debates, desenrolando-se ao longo do tempo sem fim anunciado.

«As obras seleccionadas são testemunhos que contrastam com os espaços massivamente planificados da cidade encenada. O seu esvaziamento, num processo de mapeamento constante, permite evidenciar contrastes e contradições nos projectos visionários utópicos da cidade-ideal.

Esta possibilidade de recuperar o "virtuoso" espaço público e esta capacidade de encarar a mudança, permite a estes territórios de transição evoluir através de contágios positivos entre descontinuidade, fragmentação e superficialidade. A deriva da ilegibilidade da cidade contemporânea e das suas formas urbanas gera a ansiedade da procura do lugar que é aqui explorada na procura de uma resposta nos interstícios das suas representações. É a procura de sentido entre o modelo da Babilónia e da Disneylândia.»²

[LUÍS SERPA] LFMS-21051948_21082008

1. JOSÉ MATEUS in sinopse I Trienal Internacional de Arquitectura de Lisboa 2007

2. LUÍS SERPA in Territórios de Transição, 2007_LFMS-21051948_01022007, Lisbon

TERRITÓRIOS DE TRANSIÇÃO_Espaço, Lugar e Paisagem

Curator: LUÍS SERPA

Transition Territories is an initiative in progress which coincided with the 1st Lisbon Architecture Triennial 2007 and was linked to the theme of "Empty Urban Spaces", those "expectant spaces, more or less abandoned, more or less limited at the heart of the traditional city, or more or less undefined at the diffuse peripheries."¹

It includes solo and/or group exhibitions, accompanied by meetings and debates, and developing over time without any pre-announced end.

"The selected works are testimonies that contrast with the massively planned spaces of the staged city. Its disembowelling, taking place under a process of constant mapping, makes it possible to identify contrasts and contradictions in the Utopian visionary projects of the ideal city.

This possibility of recovering the "virtuous" public space and this capacity for confronting change, enables these transition territories to evolve through positive contagions between discontinuity, fragmentation and superficiality. The lack of direction resulting from the illegibility of the contemporary city and its urban forms gives rise to the anxiety felt in searching for the place, explored here in the search for an answer in the interstices of its representations. It is the search for a meaning between the model of Babylon and Disneyland."²

[LUÍS SERPA] LFMS-21051948_21082008

1. JOSÉ MATEUS in sinopse I Trienal Internacional de Arquitectura de Lisboa 2007

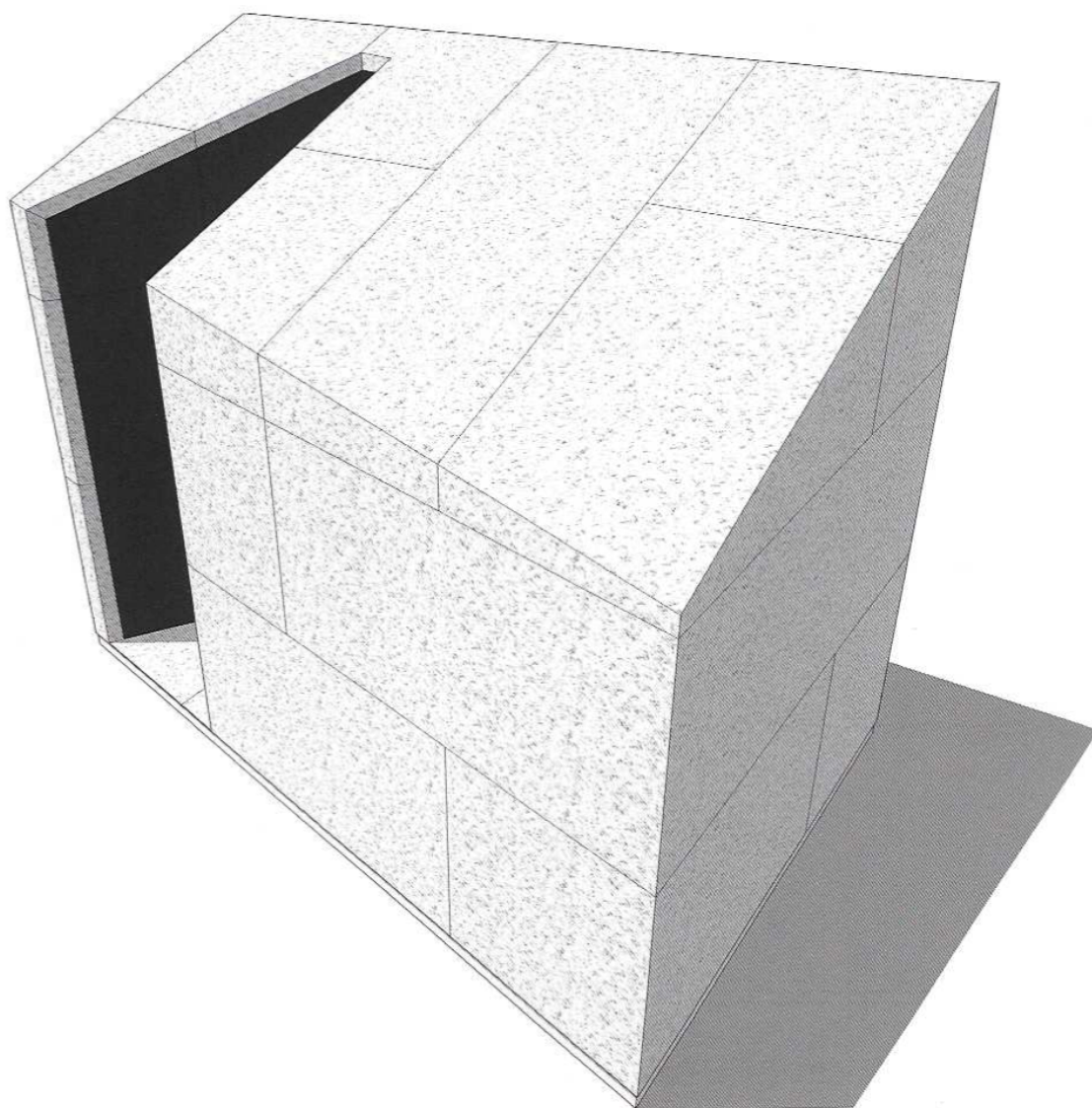
2. LUÍS SERPA in Territórios de Transição, 2007_LFMS-21051948_01022007, Lisbon





FUNDAÇÃO D. LUÍS I

ANA SÉRIO
>ESPAÇO(S) REFLECTIDO(S), 2009
Estudo Tridimensional/*Tridimensional Study*



Espaço(s) reflectido(s)

O verbo reflectir possui um significado duplo. Por um lado, diz-nos o dicionário, significa enviar, por reflexão, algo numa direcção diferente ou idêntica à que está na sua origem; é o sentido que escolhemos quando dizemos que a Lua reflecte a luz do Sol, por exemplo. O outro sentido prende-se com o uso da reflexão, e é através deste último que a palavra se tornou sinónimo de pensar. Em qualquer dos casos, contudo, a origem comum, latina, é a mesma: um verbo que em português originou também flectir ou flexão.

Assim, na reflexão, quer seja ela um fenómeno físico ou uma actividade do pensamento, está sempre incluída uma dobra conceptual que permite a alguém, ou a alguma coisa, estabelecer ou assumir uma distância que é a própria condição desse fenómeno. Sem distância, a Lua não consegue reflectir a luz do Sol, e sem a consideração de que algo é diferente e distante do sujeito que pensa não pode haver lugar ao pensamento e à reflexão. Os artistas sempre intuíram de modo mais ou menos consciente este duplo sentido, e com frequência incluíram espelhos nas suas obras para simbolizar esse distanciamento que permite conhecer. Recordemos as “vanitas” de toda a história da pintura ocidental, onde uma bela mulher se via ao espelho e por sua vez o espectador, ao admirá-la, devia reflectir sobre a fugacidade da beleza e da riqueza; ou, mais perto de nós, a presença de espelhos nas instalações de Dan Graham ou Pistoletto, a convidar implicitamente o corpo do espectador a integrar fisicamente a obra de arte, levando-o a tomar consciência dos limites – da distância entre o aqui e o ali – e características do espaço físico que o envolve.

É também de uma instalação e de um espelho que esta obra de Ana Sêrio, *Espaço(s) reflectido(s)*, se constrói. O espaço, pelas suas características arquitectónicas, invoca a memória de uma casa primordial que se desdobra aqui nas imagens virtuais proporcionadas pela reflexão especular e pela luz ambiente. A casa, que proporciona abrigo e protecção, é também um prolongamento do corpo. Como o vestuário, estabelece uma barreira entre o interior – o eu de quem a habita – e o mundo exterior, alheio, estrangeiro. Por um lado, marca uma fronteira; por outro, é decorada e arranjada à imagem de quem nela mora. Lugar da intimidade, é também o lugar onde a distância se anula, numa permanente negociação e mudança entre o espaço que é privado e o que se abre ao Outro, aos outros. O espelho, nesta peça, é um convite à entrada desses outros no espaço da artista, convite esse ainda reforçado pelas inscrições em árabe e hebraico em duas paredes opostas. A carga simbólica das inscrições afirmam-nos, por último, que esta divisão entre interior e exterior é também, além de tudo o mais, política e histórica.

Mas esta peça não surge descontextualizada na obra desta artista que se afirma sobretudo pintora. No seu trabalho, têm surgido pontualmente caixas de madeira de pequeno formato onde a inclusão de espelhos estabelece sempre uma ligação virtual entre a pintura, o espectador e a prática da visão. A construção dessas caixas esconde sistematicamente o interior, onde a artista se compraz a incluir papéis pintados, dobrados, enrolados ou amarranhados, que são apenas visíveis pela trucagem de um espelho. Não há ligação directa e imediata entre suporte pintado e o olho do espectador. A visão é mediada pela superfície reflectora do espelho, ou, dito de outro modo, a visibilidade é condicionada por um mecanismo rudimentar de desdobramento das imagens. O espectador torna-se voyeur, e a pintura, objecto do desejo de quem vê, permanece inacessível como sempre sucede quando se trata de desejo.

As caixas reforçam, menos paradoxalmente do que poderia parecer à primeira vista, as intenções da pintura sobre tela. Esta, feita de matérias fortemente texturadas, de gestos largos que se deixam evidentes sobre a superfície da tela ou do papel, institui sempre uma

dobra no tempo da história: a de um período específico, o imediato pós-segunda guerra mundial, onde o gesto se tomou pela própria condição de materialização da pintura, e que é convocado hoje, um tempo em que todas a liberdade do artista tornou possíveis todas as revisitações. Reflexo desse tempo histórico, reflexão sobre as condições presentes da prática pictórica, a obra de Ana Sêrio conduz-nos, sem dúvida, a indagar estas e outras questões.

Assim, regressando ao nosso começo, o leque de significados possíveis de *Espaço(s) reflectido(s)* acaba por abrir-se a partir do espelho real e das metáforas que a sua presença permite estabelecer: por um lado, a transitoriedade ou a permanência da história, da imagem, da pintura; por outro, o pensamento sobre o corpo, o movimento, os modos de controlo desse mesmo corpo pela cultura e pela política. E, no cerne de tudo, a casa como modelo, imagem, reflexo. Que aqui, com o passar do tempo, das horas e dos visitantes, se abre sempre e sempre à presença de outros corpos que o espreitam, desejam e esperam.

Lisboa, Julho 2009

Luísa Soares de Oliveira

Reflected Space(s)

The verb reflect has a double meaning. On the one hand, so the dictionary tells us, it means bend back or throw by its reflection, something in a different or identical direction that is at its origin; it is the sense we choose when we say the moon reflects the sun's light, for example. The other sense has to do with the act of reflecting, and in this sense it has become synonymous with the word think. In either of the two cases, however, there is a common Latin origin: a verb which in Portuguese (and English), has also given rise to flex or flexion.

Thus, in the reflection whether it is a physical phenomenon or an activity based on thinking, a conceptual folding or bending back is always included so that someone or something establishes or is put at a distance; it lies at the very essence of the phenomenon's condition. Without distance, the moon is unable to reflect the sun's light, and without taking into account that something is different and removed from the subject who thinks, there can be no place for thought and reflection. Artists have always deduced this two-fold meaning intuitively but also in a more or less conscious way, and have frequently included mirrors in their work to symbolise the distance that allows one to obtain knowledge. We recall the "vanitas" seen throughout the Western tradition of painting where a beautiful woman is looking at herself in the mirror and the spectator, in admiring her, reflects upon the fleeting nature of beauty and its wealth; or nearer our day and age, the use Dan Graham or Pistoletto make of mirrors, implicitly inviting the spectator's body to become a physical part of the work of art, causing him/her to gain an awareness of the boundaries – of the distance between the here and the there – and the characteristics of the surrounding physical space.

Also composed of an installation and a mirror, is Ana Sérió's work in Reflected Space(s). Due to its architectural characteristics, the space calls up the memory of a primitive house which is bent back to us in the virtual images seen in the mirrored reflection and the room's lighting. The house, affording shelter and protection, is also the prolongation of the body. Just as any garment would, it establishes a barrier between what is inside and what is outside – the I who dwells within the house – and the outer world, strange, foreign. On the one hand, it marks a border; on the other, it is decorated, arranged according to the image of the one living in it. An intimate place, and also a place where distance has been cancelled out in a permanent act of bargaining and change between the space which is private and the space open to the Other, to others. In this installation, the mirror is an invitation for others to go into the artist's space, an invitation that is redoubled by its inscriptions in Arabic and Hebrew on two walls opposite each other. The symbolic significance of the inscriptions tells us in the last instance, that the division between the inside and the outside is also, and apart from anything else, political and historical.

But this piece of work does not come decontextualised from the artist's other work which mostly has to do with painting. Now and again in her work, small wooden boxes holding mirrors establish a virtual connection between the painting, the spectator and the act of looking. The boxes are systematically built so as to hide their interiors where the artist delights in placing painted, folded, rolled-up or crumpled papers that are only glimpsed at by means of the interplay of mirrored reflections. There is no direct or immediate connection between the painted canvas and the spectator's eye. His/her vision has to go through the mediation of the mirror's reflected surface, in other words, visibility is conditioned by a rudimentary mechanism whereby images are bent or folded back to us. The spectator becomes a voyeur, and the painting, which is an object of desire of the one who sees, remains inaccessible just as it always does when it comes to desire.

Although less paradoxically than what appears to happen at first sight, the boxes emphasise the intentions of the painting on the canvas.

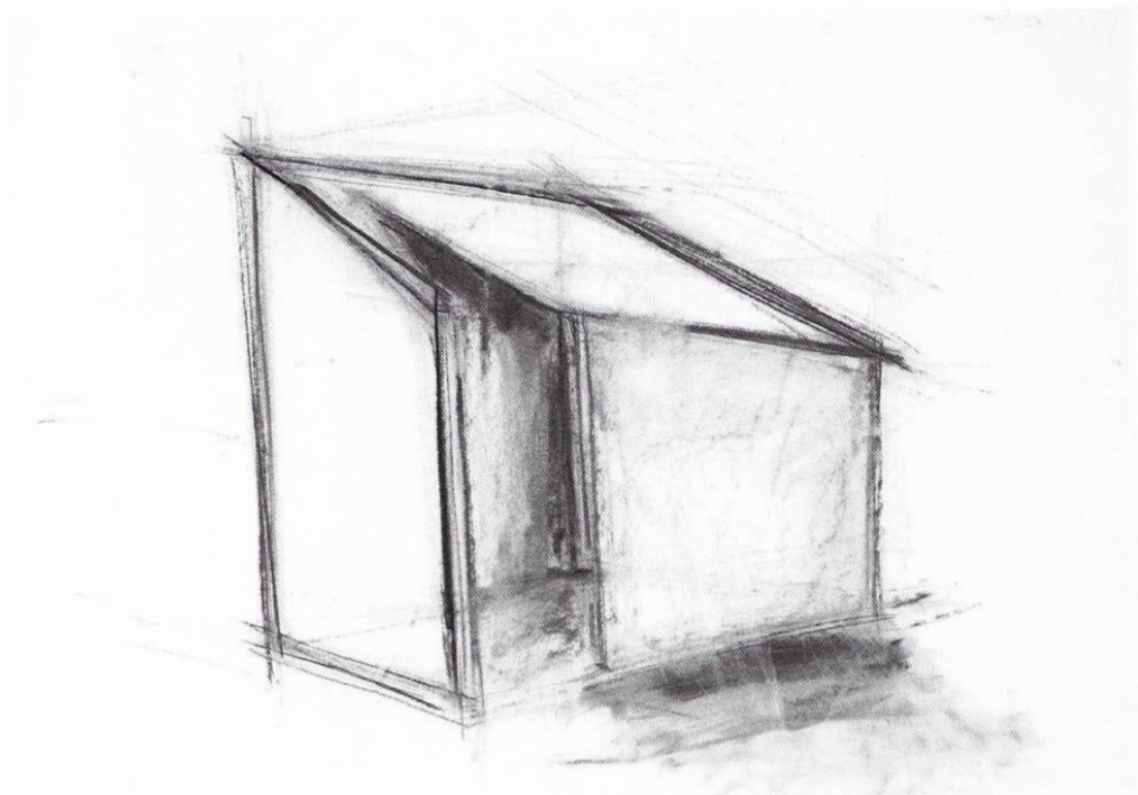
The canvas is covered with heavily textured matter in brush strokes visible on the surface of the canvas or the paper, and is always folding back in historical time: to a specific era, the years immediately following the Second World War where the act of doubling back creates the very condition for materialising the painting itself, and that today calls up a time in which the whole of the artist's freedom has made all re-visitations possible. As a reflex of this historical era, a reflection upon the present conditions of pictorial practice, Ana Sêrio's work without a doubt leads us to query these and other questions.

Thus, returning to our beginning, the range of possible meanings offered by Reflected Space(s) ends up by revealing themselves in the real and metaphorical mirror that its presence establishes: on the one hand, the transitory or the permanent nature of history; on the other, thought about the body, its movement, the way of controlling this self-same body by culture and by politics. And at the centre of everything, is the house as a model, an image, a refraction. Here, as with time, the hours and the visitors passing by, the presence of other bodies who peep in, desire and wait, is forever and ever open.

Lisboa, Julho 2009

Luísa Soares de Oliveira

ANA SÉRIO
>ESPAÇO(S) REFLECTIDO(S) #5, 2009
Carvão s/ papel/Charcoal on paper, 50 x 70 cm



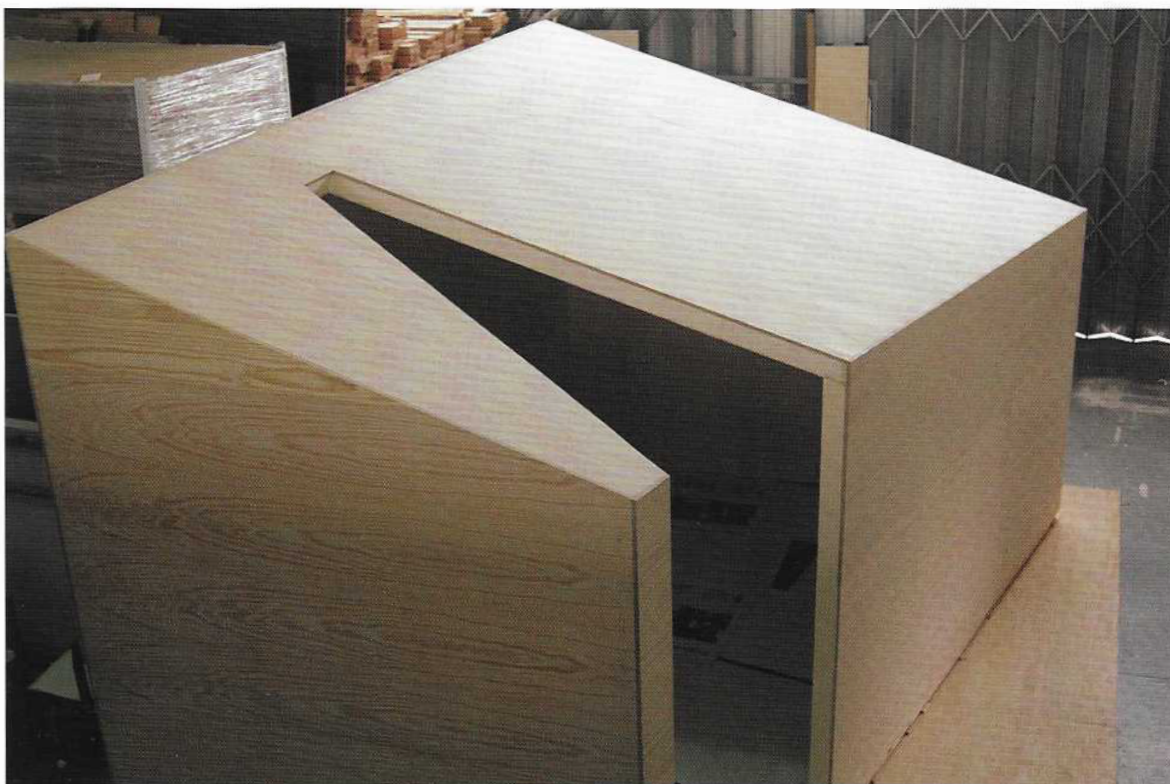
ANA SÉRIO
>ESPAÇOS REFLECTIDO(S) #9, 2009
Carvão s/ papel/ *Charcoal on paper*, 70 x 50 cm



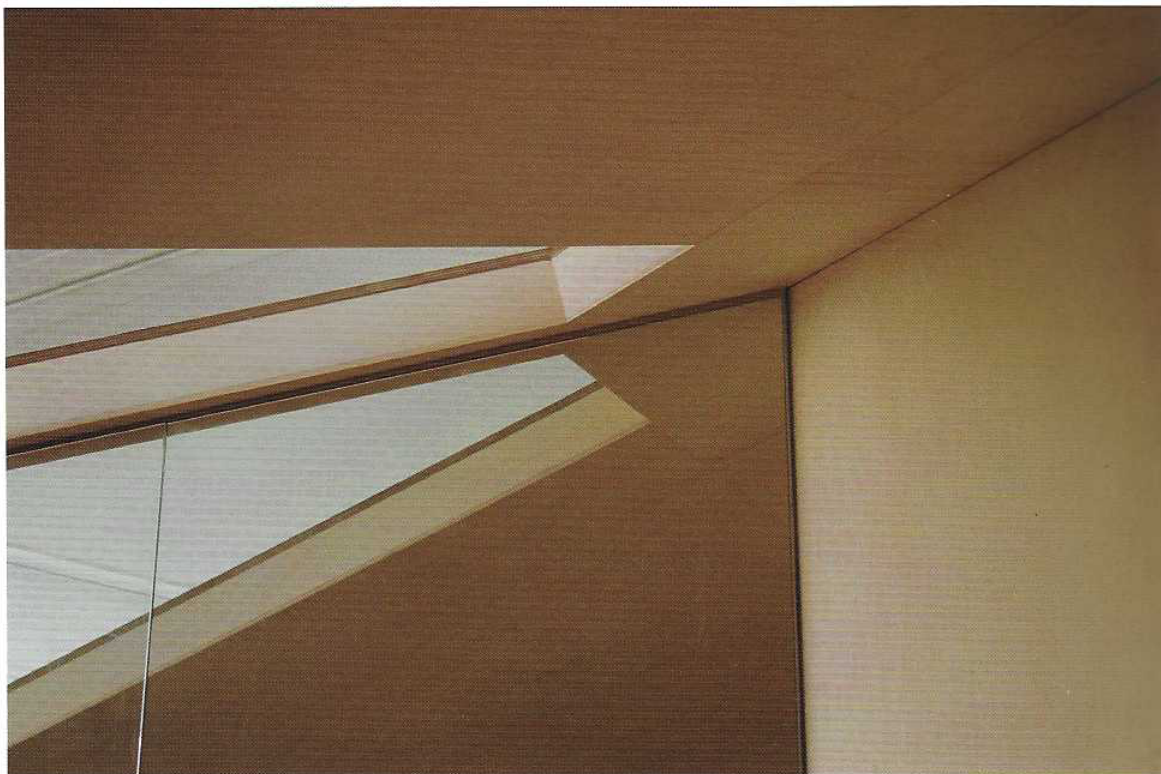
ANA SÉRIO
>ESPAÇO(S) REFLECTIDO(S) #6, 2009
Carvão s/ papel/ *Charcoal on paper*, 50 x 70 cm



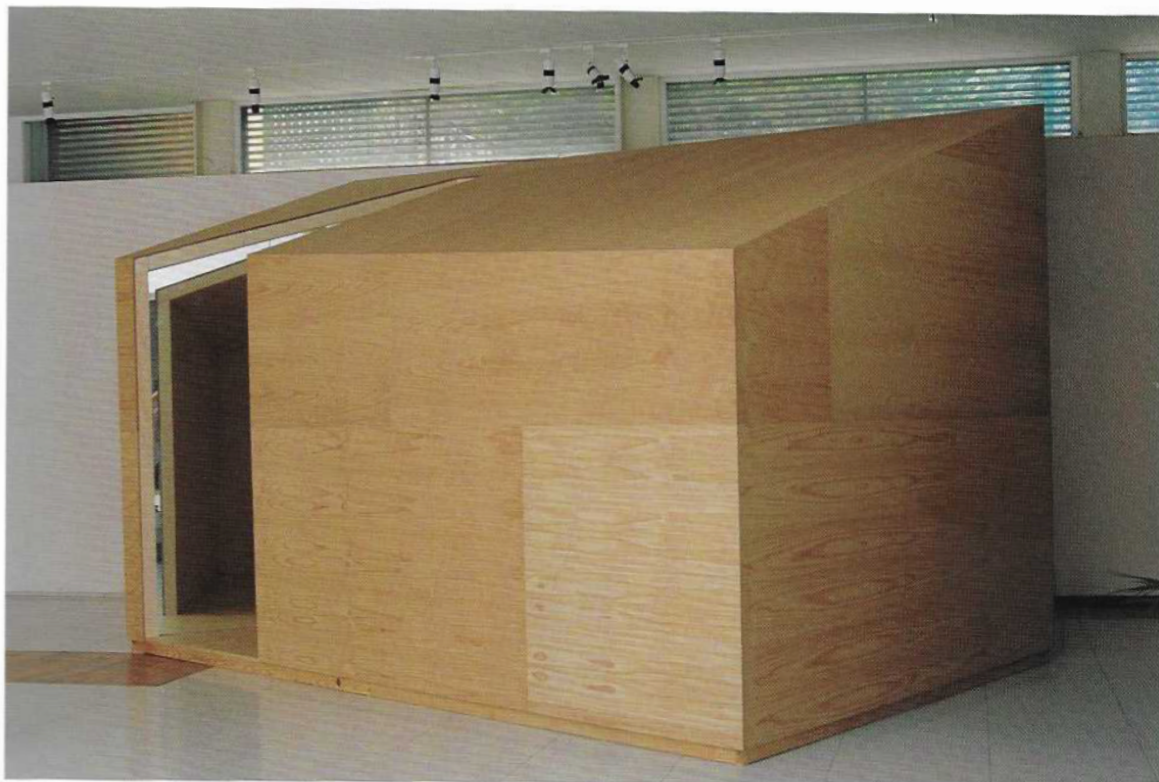
ANA SÉRIO
>ESPAÇO(S) REFLECTIDO(S), 2009
Fotografia Digital/*Digital Photo*



ANA SÉRIO
>ESPAÇO(S) REFLECTIDO(S), 2009
Fotografia Digital/*Digital Photo*



ANA SÉRIO
>ESPACO(S) REFLEC(TO(S), 2009)
Fotografia Digital/*Digital Photo*



ANA SÉRIO
>ESPAÇO(S) REFLECTIDO(S), 2009
Fotografia Digital/*Digital Photo*



ANA SÉRIO
>ESPAÇO(S) REFLECTIDO(S), 2009
Fotografia Digital/*Digital Photo*



Este catálogo foi publicado por ocasião da exposição de **ANA SÉRIO, ESPAÇO(S) REFLECTIDO(S)**, uma instalação de desenhos e uma caixa-escultura em madeira de pinho marítimo, choupo e espelho.

This catalogue has been published on the occasion of the exhibition by ANA SÉRIO, ESPAÇO(S) REFLECTIDO(S) composed by ten drawings and a box sculpture made of maritime pine, poplar wood and mirror.

© 2009 - Fundação D. Luís I e os Autores / *and the Authors*

Texto de / *Text by* Luísa Soares de Oliveira

Tradução de / *Translated by* Vicky Hartnack

Design / *Design by* Luís Serpa / Gonçalo Faria

Equipa de Construção e Montagem / *Installation and Construction Team*: Nuno Lemos, Ricardo Lousada, José Luís Rodrigues, J. M. Espírito Santo, Luís Gaspar, António Pereira

Transportes / *Transports*: O Museu Temporário/OPEL

Seguro / *Insurance*: Allianz Portugal

Edição / *Edition*: 750 exemplares / *copies*

Impressão / *Press*: Grafilinha

Depósito Legal: 29 68 39 /09

ISBN: 978-972-8986-31-5

Agradecimentos / *Acknowledgements*: Arquitectos Sérgio Melo e Gonçalo Sobral

Exposição apresentada no Centro Cultural de Cascais pela Fundação D. Luís I, Cascais, 17 de Julho a 20 Setembro em cooperação com a Galeria Luís Serpa Projectos, Lisboa e integrada na iniciativa Territórios de Transição [nº0] Luís Serpa / *Exhibition presented at Centro Cultural de Cascais by Fundação D. Luís I, Cascais, 17th July till 20 September organized in cooperation with Galeria Luís Serpa Projectos, Lisbon as part of the initiative Territórios de Transição Luís Serpa.*



GALLERIA LUIS SERPA PROYECTOS

O MUSEU TEMPORÁRIO
Projetos de Arte Contemporânea



Este catálogo foi impresso para / *This catalogue has been printed on behalf of*
FUNDAÇÃO D. LUÍS I

Para informação complementar, por favor contacte / *For further information please contact:*
FUNDAÇÃO D. LUÍS I

Centro Cultural de Cascais, Avenida Rei Humberto II de Itália, Cascais
Tel.: [+351] 214 848 90 | e-mail: fdluis@gmail.com

O MUSEU TEMPORÁRIO Projecto(s) de Engenharia Cultural
Rua Tenente Raul Cascais, 1B, 1250-268 Lisboa, Portugal

Tel.: [+351] 213 977 744 | Fax: [+351] 213 970 251 | email: museutemporario@mail.telepac.pt



FUNDAÇÃO D. LUÍS I

Conselho de Administração / *Board of Directors*

Presidente / *President*: António d'Orey Capucho

Vice-Presidente / *Vice-President*: Ana Clara Justino

Administrador-Delegado / *C. E. O.*: Salvato Telles de Menezes

Administradores / *Board Members*: José Nunes Pereira, António Ramos dos Santos Figueiredo, Artur Viana Ribeiro

Director Executivo / *Executive Director*: Júlio Conrado



TERRITÓRIOS DE TRANSIÇÃO



EXPOSIÇÕES EXHIBITIONS TERRITÓRIOS DE TRANSIÇÃO

#01 HAMISH **FULTON**, PEDRO **CALAPEZ**,
LUÍS **CAMPOS**, YANG **QIAN**, CLAUDIA **FISCHER**
Instalação, Pintura, Fotografia Installation, Painting, Photography
20 Janeiro January '03 Março March '07
GALERIA LUÍS SERPA PROJECTOS, Lisboa

#02 CLÁUDIA **CONDUTO**_MORADIA 361
Instalação, Fotografia Installation, Photography
27 Setembro September '07 Outubro October '07
MUSEU DA MARIONETA _CONVENTO DAS BERNARDAS, Lisboa

#03 LARA **ALMARCEGUI**_GUIA DE DESCAMPADOS DE LISBOA
Instalação, Fotografia Installation, Photography
15 Setembro September '07 Outubro October '07
GALERIA LUÍS SERPA PROJECTOS, Lisboa

#04 LUÍS **CAMPOS**_EMPTY CITIES
Fotografia Photography
17 Julho June '07 Setembro September '07
GOVERNO CIVIL DE LISBOA [Galeria de Exposições Temporárias]

#05 CLÁUDIA **CONDUTO**_MORADIA 361
Fotografia Photography
01 Outubro October '08 Dezembro December '08
GOVERNO CIVIL DE LISBOA [Galeria de Exposições Temporárias]

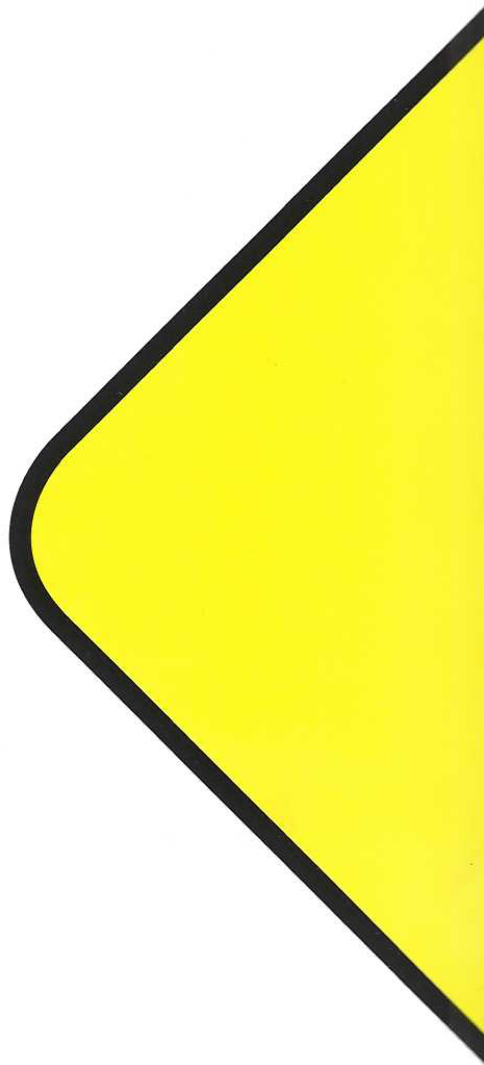
#06 CLAUDIA **FISCHER**_CRISÁLIDAS
Fotografia Photography
17 Julho July '09 Setembro September '09
CENTRO CULTURAL DE CASCAIS _FUNDAÇÃO D. LUÍS I

#07 ALBERTO **PICCO**_ONDE _WHERE
Fotografia Photography
17 Julho July '09 Setembro September '09
CENTRO CULTURAL DE CASCAIS _FUNDAÇÃO D. LUÍS I

#08 ANA **SÉRIO**_ESPAÇO(S) REFLECTIDO(S)
Instalação e Desenho Installation and Drawing
17 Julho July '09 Setembro September '09
CENTRO CULTURAL DE CASCAIS _FUNDAÇÃO D. LUÍS I

#09 EURICO **LINO DO VALE**
Fotografia Photography
19 Setembro September '09 Novembro November '09
MUSEU DA LUZ, Luz, Mourão

#10 NUNO **CERA**_TERRA
Fotografia, Video Photography, Video
20 Novembro November '09 '05 Abril April '10
MUSEU DA LUZ, Luz, Mourão



Produção Production:
○ MUSEU **TEMPORÁRIO**
Projeto de Experiência Cultural

Exposição organizado em cooperação com
Exhibition organized in cooperation with:
GALERIA **LUÍS SERPA** PROJECTOS